

A REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO

Bernardo Kucinski



MOSIMSON

Em torno da mesa de mogno, longa, pesada, de bordas entalhadas, como deve ser a mobília de uma universidade, sentam-se oito ilustres professores do Instituto de Química, chefes de departamento, cientistas de renome, entre eles Ivo Jordan, especialista na separação isotópica do urânio; Newton Bernardes, conhecido na física dos materiais e Metry Bacila, pioneiro da biologia marinha. O Instituto de Química notabilizou-se pelo rigor científico, influência dos alemães Heinrich Hauptmann e Heinrich Rheinboldt, fundadores da química no Brasil, para onde vieram fugindo do nazismo.

No momento desta reunião, o Instituto tem apenas cinco anos de existência. Giuseppe Cilento, que coordenou sua criação juntando departamentos e pesquisadores dispersos em diferentes unidades da Universidade de São Paulo, também está na reunião. Construído com dinheiro da Fundação Ford, o imponente Conjunto das Químicas, como é mais conhecido, ocupa toda a colina leste do campus.

Esta é a 46^a reunião mensal da Congregação, órgão supremo do Instituto. Estamos no dia 23 de outubro de 1975. Passaram-se dezoito meses desde o desaparecimento da filha de K., lotada nos quadros

da universidade como professora assistente doutora. Na ordem do dia, consta o processo 174.899/74 da Reitoria pedindo a rescisão do seu contrato “por abandono de função”, conforme o inciso IV do artigo 254 do Regimento. Outro item da ordem do dia é a proposta de recontração do professor aposentado Henrique Tastaldi, por coincidência um dos três membros da comissão processante que pede a demissão da professora.

Este relato foi imaginado a partir da ata da reunião, transcrita nos trechos citados a seguir. Muitos anos depois, a Reitoria anunciaria de público a injustiça da demissão da professora. Mas nunca admoestou nenhum dos envolvidos, nunca resgatou suas dívidas com a família. Os presentes a esta reunião da Congregação nunca se desculparam.

Preside a reunião o Diretor do Instituto, professor Ernesto Giesbrecht, patriarca da química brasileira, membro da Academia Brasileira de Ciências, comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico, discípulo e orientando do próprio Rheinboldt. Giesbrecht já morreu. Não sabemos o que passou pela sua cabeça durante a reunião, podemos apenas imaginar.

Vai ser uma reunião penosa, espero que passe rápido. Afinal, foi um

ultimato. Se o Heinrich estivesse vivo, não acreditaria. Ele, que fugiu da Alemanha por causa da família judia de sua mulher. Tenho a certeza de que agiria como eu; afinal, ele fundou o departamento de química e não gostaria de ver tudo destruído por causa de uma única pessoa, além disso, uma professora comum, apenas com o grau de doutor. Se fosse um titular, um livre docente, mas uma mera professora doutora... química é liderança, temos que preservar as lideranças. Ainda bem que a votação é secreta, assim ninguém se expõe, ninguém vai saber quem aprovou a demissão. Espero que dê tudo certo.

O que ele efetivamente disse está na ata:

“É grande minha satisfação em receber pela primeira vez como membro da Congregação o professor doutor Otto Richard Gottlieb, recentemente empossado no cargo de professor titular junto ao departamento de Química Fundamental, é uma honra este colegiado poder contar com sua colaboração. Tendo sido aprovada por unanimidade a ata da 44^a reunião, passemos à ordem do dia que tem como primeiro item a recontração do professor aposentado Henrique Tastaldi.”

O professor Francisco Jerônimo Sales Lara, oriundo da Faculdade

de Filosofia, cogita pedir a palavra. Por enquanto pensa. Imaginemos que pense assim:

Esse malandro do Tastaldi; agora vai acumular a aposentadoria com salário de professor titular. Aprovam a recontração e, em troca, ele reafirma os termos da comissão processante. É o seu prêmio pela cumplicidade com a repressão. Na Filosofia isso nunca teria acontecido. Todo mundo sabe que a professora foi presa pelos órgãos de segurança. O pai esteve aqui, teve anúncio em jornal, reportagem, a lista dos vinte e dois desaparecidos do cardeal. Meu Deus, onde é que eu vim parar. Esse antro de reacionários e gente sem espinha, e dizer que a maioria são judeus fugidos do nazismo ou seus orientandos.

Agora Sales Lara pede para falar. Mede cada palavra. A ata registra:

“Indubitavelmente o professor Tastaldi é uma figura histórica que muito contribuiu para o desenvolvimento da nossa bioquímica. Além disso, possui qualidades pessoais que o tornam pessoa querida por todos. Não obstante, julgo que sua contratação pelo instituto de Química não é oportuna. Sou contrário à recontração de professores aposentados e acho que isto somente é justificável quando houver total impossibilidade de substituição, este não é o caso atual, há muitos doutores e pós-doutores de alto nível tanto no país quanto no exterior que se interessam pelas condições que podemos oferecer, é nossa obrigação dar oportunidade de carreira universitária a esses elementos.”

O eminente professor Metry Bacila pede a palavra. A ata registra:

“Não poderia furtar-me ao dever de lembrar a marcante contribuição do professor Tastaldi à Universidade de S. Paulo, à qual dedicou toda uma vida de labor na pesquisa, no ensino e na preparação de futuros docentes, por outro lado deve ser lembrado também o entusiasmo com que o professor Tastaldi se dedicou à reforma da universidade, tendo contribuído com seu descortínio de professor ilustre, graças a um espírito universitário poucas vezes encontrado dentro da própria universidade... poderia ela vangloriar-se de poder contar como um dos membros do corpo docente...”

O professor doutor Guisepe Cilento pede a palavra. A ata registra:

“Não posso deixar de expressar também a minha gratidão pela sólida ajuda que recebi do professor Tastaldi durante todo o meu mandato na chefia do departamento.”

O professor Lúcio Penna de Carvalho Lima pede a palavra:

“Há poucos dias todos lamentamos a aposentadoria do doutor Lúcio Penna de Carvalho, mas a política do Instituto tem sido a de não recontração de professores aposentados.”

Colocada a proposta do departamento de bioquímica em votação secreta, verificou-se o resultado, apurado pelos professores Gilberto Rubens Biancalana e Yukio Miyata, de doze votos favoráveis e três votos contrários. Desse modo foi aprovada a proposta por 2/3 do número de membros da Congregação em efetivo exercício.

“Passemos agora ao próximo item da pauta, a proposta de rescisão

de contrato da professora. Esclareço ao plenário que a professora doutora a partir de 23 de abril de 1974 deixou de comparecer ao instituto. A ocorrência foi levada aos órgãos competentes da Reitoria que, consultados como proceder no caso, em face da legislação vigente, mandaram abrir processo administrativo. Da comissão processante participaram, além do Dr. Cássio Raposo do Amaral, membro do corpo de advogados da Consultoria Jurídica, os professores Doutores Henrique Tastaldi e Geraldo Vicentini, tendo essa comissão proposto a dispensa da docente por abandono de função, devendo ser votado por esta Congregação nos termos da legislação vigente.”

Giesbrecht se mexe na cadeira, como por desconforto; continuemos a imaginar o que pode ter pensado nessa etapa da reunião:

Reunião desagradável esta. É verdade que nunca fui com a cara dessa menina e nem ela era brilhante, mas era séria, muito esforçada; sua pesquisa do Molibdênio para o doutorado não foi das mais fáceis e ela deu conta. Mas que alternativa temos? Dizem que o telefonema da Reitoria foi claro. Vocês tem até o final da semana para cumprir o regulamento e demiti-la. Estava até demorando esse ultimato. Sei que já saiu até no jornal que ele foi desaparecida mas não há prova. O governo nega. É claro que se eles a desapareceram tinham que negar. Mas vai saber em que se meteu. O regulamento é claro e taxativo. E mais, como Diretor do instituto, se não demitir posso ser acusado de prevaricação. Isso se não for acu-

sado de coisa pior, de cumplicidade com subversivos ou algo parecido. Sempre o nosso dever, como cientistas, é o de preservar a instituição. Não dar pretexto a uma intervenção ou cassações. Afinal, essa menina não tinha o direito de pôr em risco uma instituição importante como a nossa.

Na outra ponta da mesa, outro fundador do departamento, o professor Gottlieb, o mais velho de todos, tenta adivinhar o que vai pela cabeça de seu colega e rival acadêmico. Gottlieb é judeu e saiu da Tchecoslováquia quando da ocupação alemã. No Brasil implantou os vários laboratórios de pesquisa de produtos naturais. Pode estar pensando mais ou menos assim:

*Sei que o Diretor recebeu um ultimato do jurídico; demitir a professora até o final da semana. Eu até que simpatizava com essa menina. Esforçada. E muito mais culta do que os outros. Um dia a encontrei lendo *A montanha mágica*. Sua fisionomia, um pouco sofrida, sempre me lembrava a prima Esther, que nunca se acostumou com o exílio. Um crápula esse Giesbrecht, *eine schlechten character*, e dizer que foi discípulo do Heinrich, devia ter batido o telefone na cara de quem ligou; onde já se viu, em vez do jurídico valer-se do prestígio da universidade para forçar as autoridades a fornecer alguma informação, a dizer qual é a acusação contra ela, fazem o oposto, demitem como se fosse relapsa e não como se tivesse sido sequestrada, ou seja, ajudam a encobrir o sequestro. *Scham*, uma vergonha. O problema é que ele é o chefe e fica muito difícil a gente se opor... *schwein*¹.*

O representante dos professores assistentes, Gilberto Rubens Biancalana, chegara atrasado à reunião e agora cogita falar mas não pede a palavra, talvez de medo. Deve ter pensado o seguinte:

Os colegas se apavoraram quando falei em fazer uma reunião para discutir nossa posição. Agora tenho que decidir o voto sozinho. Não vou arriscar toda a minha carreira por causa de uma professora que nem conheço bem, metida sei lá em quê. Se o Giesbrecht e o Gottlieb propuserem alguma outra coisa, um adiamento, uma outra solução, eu sou até capaz de apoiar, mas assim sozinho... ou esse Newton Bernardes, que veio da Física. Já é livre docente, sempre está em cargos importantes... tem nome, prestígio.

Miriam, representante dos auxiliares de ensino, não fala. Pensa bem da professora, uma das mais esforçadas e assíduas, mas está com medo:

Muito triste o que aconteceu. Terrível. Não entendo porque esses figurões calaram-se todo esse tempo. Este foi o erro. Se tivessem gritado logo que ela desapareceu, talvez as coisas tivessem se invertido, era o instituto que estaria acionando a Reitoria, exigindo que botassem pra fora aqueles filhos da puta do DOI-CODI que estão instalados lá dentro, e não o jurídico pressionando o departamento. Toda essa conversa fiada do processo, falando em "conjunto probatório", fiando-se na mensagem do Falcão. E eu aqui, sem respaldo de ninguém, tendo que participar dessa farsa. Devia ter faltado, inventado uma desculpa e faltado. Por que não se levantam todos

e dizem não? É um acinte, sequestram a pessoa e ainda a acusam de faltar ao emprego.

O professor Luiz Roberto Pitombo não fala. Talvez por causa de um raciocínio frio do tipo:

Não sei em que essa menina estava metida. Nunca quis se abrir comigo e nem eu quis perguntar. Desconfio que é coisa pesada, esquerdismo inútil, falta de visão estratégica. Mesmo assim, é claro, temos que ser solidários e denunciar a repressão. O problema é a situação neste conselho, neste instituto. Não tem sentido se queimar num caso individual. Nossa luta tem um horizonte mais amplo, um valor estratégico. É um erro e é uma pena. Mas, na correlação de forças dada, um voto contrário, isolado, nada vai resolver e ainda vai prejudicar a nossa causa.

O professor Giesbrecht explica ao professor Pitombo que a comissão decidiu segundo o conjunto probatório, como está no relatório, e deu maior peso à declaração do ministro Armando Falcão de que não consta registro de a professora ter sido presa.

Passou-se à votação secreta do relatório propondo a demissão da professora. Foi aprovado por treze votos favoráveis e dois votos em branco e assim encaminhado ao magnífico reitor, Orlando Marques de Paiva. Dois dias depois o desligamento da professora foi publicado no *Diário Oficial* por ato do senhor governador do Estado, Paulo Egydio Martins, outro que nunca se desculpou.

Nota

¹ Schwein: xingamento em alemão, significa "porco".